

## **REPRESENTAÇÕES DE ANTONIO SILVINO: REAFIRMANO AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA LITERATURA DE CORDEL.**

Rômulo José Francisco de Oliveira Júnior\*

**RESUMO:** Os estudos que versam sobre as relações de gênero ganharam proporções significativas na historiografia a partir da década de 70 do século XX; e deram a ver novas formas de dizer e fazer a História. No sertão nordestino o folheto de cordel era o instrumento de divulgação dos fatos cotidianos e dos comportamentos sociais, sendo bastante comercializado nas feiras e mercados. Tendo a literatura de cordel dos poetas, Francisco das Chagas Batista, Leandro Gomes de Barros e José Costa Leite como fonte, pretendemos neste trabalho, analisar as representações de gênero em torno do cangaceiro Antonio Silvino, enfatizando os comportamentos que eram dispensados a homens e mulheres no sertão nordestino no período que compreende de 1900 a 1940.

**PALAVRAS-CHAVE:** Antonio Silvino, Gênero e Representações

**ABSTRACT:** The studies that deal in gender relations have gained significant proportions in historiography from the 70s of the twentieth century, and have to see new ways to say and make history. In the backwoods of northeastern cordel the leaflet was the instrument for the dissemination of facts and everyday social behavior, as well marketed in fairs and markets. As the chap-book of poets, of Francisco Chagas Batista, Leandro Gomes de Barros and Jose Costa Leite source, we want this work, consider the representations of gender around the cangaceiro Antonio Silvino, emphasizing the behaviors that were provided to men and women in northeastern hinterland in the period that includes 1900 to 1940.

**KEY-WORDS:** Antonio Silvino, Gender and Representations

Os trabalhos em torno do feminismo, vieram à eclodir na década de 70, apresentado temas que eram considerados como tabus sociais. As pesquisas apontavam os desejos e formas de prazer femininos e masculinos, apresentavam o cotidiano de homens e mulheres e questionavam a ordem social de dominação masculina, principalmente nos debates da ciência histórica. Esses estudos aumentaram significativamente, e a análise do campo teórico metodológico, desde o Positivismo até a Escola dos Annales, aproximou a História das Ciências Sociais, atribuindo diferentes abordagens nas formas do fazer e dizer historiográfico. As fontes passaram a ser lidas culturalmente e denotaram-se outros pontos de vista, cujo cenário que se insere a Nova História Cultural permitiu levar os (as) historiadores(as) a (re)pensar as individualidades dos sujeitos e a não homogeneizar as ações e os personagens da

---

\* Mestrando do programa de História Social da Cultura Regional – UFRPE. Integrante do GEHISC. Bolsista FACEPE. Orientadora: Dr<sup>a</sup> Maria Ângela de Faria Grillo – Professor substituto Dept. Educação – UFRPE.  
E-mail: romulojunior@oi.com.br

História. A respeito dessa homogeneidade atribuída a diversos temas, o historiador Carlo Ginzburg nos lembra que:

*Insistindo nos elementos comuns, homogêneos, da mentalidade de um certo período, somos inevitavelmente induzidos a negligenciar as divergências e os contrastes entre as mentalidades das várias classes, dos vários grupos sociais, mergulhando tudo numa mentalidade coletiva indiferenciada e interclassista. (GINZBURG, 1988.).*

Pensando que as mulheres eram estudadas como algo único e não respeitando as diferenças sociais, econômicas e culturais, se configurou na década de 1970 a chamada História das mulheres e o campo de análises do tema começou a ter trabalhos significativos, como os de Michelle Perrot e Natalie Zemon Davis<sup>1</sup>. No Brasil foram os anos 80 e 90 que apresentaram ao público um grande número de estudos com autoras como: Maria Odila Dias, Joan Scott, Martha Abreu, Rachel Soihet, Margareth Rago, Tânia Swain, Mary Del Priori, Maria Izilda Mattos e Suely Gomes Costa e Joana Maria Pedro. Essas autoras partindo de análises históricas, sociológicas e biológicas indicaram a participação das mulheres na construção social de maneira ativa e não como seres passivos que viviam conforme os desejos da dominação masculina. Esses estudos segundo Rachel Soihet serviram para a: “desmistificação das correntes historiográficas herdeiras do iluminismo que se acreditavam informadas pela verdade e pela imparcialidade de seus profissionais, os quais eliminavam as mulheres das considerações dessa disciplina”. (SOIHET, In: CARDOSO, & VAINFAS, 1997. p.278.)

Foi também na segunda metade do século XX, que pesquisas tratando o gênero como algo relacional, entraram com força no campo acadêmico e tinham como idéia chave, a distinção entre os sexos e a rejeição do determinismo biológico. Nessa perspectiva, prevalecia a idéia de homem universal e a homogeneização das mulheres como se fossem alocadas em um bloco único, cuja prevalência era a semelhança das características biológicas.

Uma das provas dessa perspectiva de estudo homogeneizado fica notória pelo fato de que durante muito tempo a palavra gênero ter sido associada a palavra mulher. Joan Scott nos fala que: “livros e artigos de todo o tipo, que tinham como tema a história das mulheres substituíram durante os últimos anos nos seus títulos o termo de “mulheres” pelo termo de “gênero”. Essas posturas teóricas renderam muitas críticas, até mesmo do movimento feminista, que permitiu trazer à baila perspectivas diferentes da idéia de gênero<sup>2</sup> (SCOTT, 1990 p.04).

---

<sup>1</sup> As obras destas autoras foram: PERROT, 1988. e DAVIS, 1990. Cf. a bibliografia a referência completa.

<sup>2</sup> Optamos pelo conceito de gênero da Scott por se enquadrar na análise de nossos documentos, mas durante a pesquisa, outras idéias foram analisadas. Um exemplo é Judith Butler que defender ser gênero, um corpo performativo, independente do aparelho genital que apresenta. Essa teoria é muito presente nos estudos Queer.

Para nós o conceito de gênero está para uma construção social que concatena com Joan Scott no qual, defende ser gênero:

*[...] uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. [...] o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.”(SCOTT, 1990, p.14)*

Scott ainda subdivide seu conceito em elementos que se relacionam: símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas e conceitos normativos que colocam em evidência a interpretação dos símbolos, como por exemplo os sistemas jurídicos, médicos, religiosos e científicos. Um dos grandes estudos que ficaram sobre a égide dos discursos do governo e social foi o do corpo, que analisado pelo meio médico, nos legou o determinismo biológico. Essa análise é indicada por Pierre Bourdier, que também dialoga com a idéia de Scott, quando ele nos fala que:

*A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho. (BOURDIER, 2007.)*

Outra autora que contribui para nossa pesquisa é Linda Nicholson, cuja defesa está em dizer que não só o determinismo biológico predominou nos estudos de gênero, mas o fundacionalismo biológico, ou seja, no qual corpo, sexualidade e comportamento, fazem um sistema. Tal relação possibilitou as feministas a sustentar a noção de que as constantes da natureza são responsáveis por constantes sociais e estas não podem ser transformadas. (NICHOLSON, 2000)

Demonstrando assim, a amplitude que os estudos de gênero tomou. Um dos campos que se abriu nestes estudos foi o da masculinidade, sempre relacionada e entendida como construção social de determinado período e local. A análise referente ao ser masculino pode ser pensada de várias formas, principalmente se formos imaginar tempos remotos e dialogar com os nossos antepassados gregos, com seus ideais de força, coragem, virilidade, homem guerreiro, mas também seres sensíveis, amantes da arte, da filosofia, da sabedoria dos mais velhos, e que fizeram repercutir formas de dizer e ser homem. Ou então a transição do medievo para a modernidade, pois é nesse momento em que vemos surgir a burguesia e suas preconizadas formas de ser homem, de família, de matrimônio, de monogamia, o lugar de

homens e mulheres no espaço público e privado, entre tantos outros elementos constitutivo da sociedade moderna.

A era moderna trouxe para nós o modelo de homem nobre, responsável por criar um ideal de masculinidade que conseguiu transpor séculos e edificar sociedades e padrões, acabando por repercutir no mundo, sendo conservado e pouco contestado até a década de 70 do século XX. Segundo o sociólogo Pedro Paulo de Oliveira:

*para um nobre, o ideal de masculinidade estava ligado ao comportamento que mantivesse compromisso com alguns valores cruciais, tais como lealdade, probidade, correção, coragem, bravura, sobriedade e perseverança”. Todos eles se conservarão integrando o ideal moderno. (OLIVEIRA, 2004. pp.22, 23)*

Esse ideal de masculinidade se impregnou na sociedade contemporânea e pode ser identificado a partir de elementos como as guerras e as políticas de saúde do corpo. Para compreender esses elementos basta que lembremos da idéia de que participar da guerra servia de maturação do corpo e da mente, pois iria se suportar dores, honrar a nação, ser leal, agir com camaradagem, ser obediente e disciplinado, praticante de atividades físicas, além da coragem e anti-intelectualização. A guerra era espaço de tornar-se um homem honrado e modelo a ser seguido.

Outro grande elemento que encontramos nas campanhas de fortificação do corpo é que ser forte e robusto era sinônimo de masculinidade e virilidade. Expressões dessas campanhas podem ser vistas em jornais da primeira metade do século XX, que eram repletos de propagandas de fortificantes, como Emulsão Scott, e de consultórios que curavam a impotência e doenças venéreas. Higienizar o corpo era sanear a mente e uma tentativa de provar a masculinidade, o que possivelmente teve pouco reflexo, uma vez que ainda se observa uma dificuldade grande do homem cuidar de si.

Esse debate surge em paralelo com a disciplinização social do homem, no qual gestos, ações e status social influenciavam na representação do ser masculino. O homem que apresentasse o comportamento de não ir a bordéis, o homem que casava e era provedor do lar, além de ser modelo de pai em casa e nos espaços públicos era tido como o padrão do ser masculino. Sueann Caulfield apresenta em seu livro *Em defesa da Honra* (2000) a disciplinização e reforma urbanística modernizadora, que a cidade do Rio de Janeiro passou no início do século XX (décadas de 10 a 40). Essa disciplinização foi fruto das mudanças implantadas na Europa e que fora trazido para o Brasil, entre elas o ideal de masculinidade. Para autora a reforma social e de valores entre as relações de gênero ocorreu em sintonia com

as reformas urbanísticas, em cujas ações do governo incluía o saneamento, a boa saúde da população e os bons costumes. Entre as ações bem vistas para essa reforma da cidade podemos destacar a retirada de prostitutas das áreas consideradas de famílias honradas, os homens deveriam ter o casamento a fidelidade e a preocupação com o trabalho como objetivo de vida. Porém, o que se observa são práticas diferentes do ideal, era muito comum os homens frequentando bordéis, envolvidos em jogos e ações de infidelidade com esposas. Já as mulheres deveriam evitar aparições públicas e ações que fossem trazer a desonra familiar, deveriam aprender atividades domésticas em prol de ter o lar bem receptivo para o marido e acima de tudo ser boa reprodutora, já que o homem estava assumido o papel de provedor do lar. Essas posturas seriam o meio de defender a virgindade, símbolo da verdadeira defesa da honra, pois, só assim o país iria se modernizar.

É o começo do século XX que nos lega os modelos e estereótipos de ser homem, em especial na região Nordeste, onde que vemos aflorar além de todas essas reformas geradas pelo ideal de modernização e de masculinidade, ações que reforçavam o modelo patriarcal da sociedade refletido no fenômeno conhecido como Cangaço, sinônimo de violência e criminalidade. Também é o momento em que vamos ver bastante disseminadas as teorias do determinismo biológico e eugênicas, em que Charles Darwin e Césare Lombroso foram expoentes dessas teorias e apoiados pelo discurso médico e político divulgavam a tendência de disciplinização social.

Diante de muitas perspectivas apresentadas nos estudos de gênero, não podemos perder de vista a violência simbólica que a dominação masculina trouxe para nossa sociedade. No Nordeste brasileiro o fenômeno do Cangaço é tido como símbolo máximo da força, honra e virilidade do homem, mas também de violência e criminalidade encontra-se pouco explorado no que tange as análises de gênero. Em nosso estudo analisaremos as representações sociais que foram atribuídas não ao Cangaço, mas a um integrante deste fenômeno que é pouco visitado pela historiografia e suas ações tiveram grande repercussão no cenário nacional, o cangaceiro Antonio Silvino. O estudo das representações se faz necessário, pois o objetivo de trabalhar contextos culturais requer que compreendamos as possibilidades de discurso que um mesmo objeto pode receber. Como nos alerta o historiador Roger Chartier: é preciso compreender as formas como determinadas realidades culturais são construídas pensadas e dadas a ler (Cf. CHARTIER, 2002. P17).

Como veículo que refletia esse ideal moderno de masculinidade vamos ter na primeira metade do século XX o folheto de cordel ganhando força nos sertões e sendo o canal entre as pessoas no qual a oralidade era algo predominante, e atingia as feiras, os salões das grandes

propriedades e as mãos de vaqueiros e peões (GRILLO, 2005,p. 223). As histórias de Antonio Silvino foram temas recorrentes na literatura dos poetas Francisco das Chagas Batista e Leandro Gomes de Barros e representações de masculinidade podem ser encontrados de modo que referendam a presença desse ideal atuando nos sertões. Entre os elementos que representam o ideal de masculinidade, que podemos identificar nos cordéis sobre Antonio Silvino, desses poetas, temos: lealdade, coragem, valentia, vingança, defesa da honra feminina, obediência ao líder do bando, camaradagem, vaidade, lutas, e homens que suportavam dores no corpo e não eram covardes.

Segundo Frederico Pernambucano de Mello, existiram três formas de se aderir ao cangaço: por sobrevivência, por meio de vida ou por vingança (MELLO, 2004). Silvino foi um sertanejo nasceu e viveu nos sertões nordestinos e devido a rixas familiares teve seu pai assassinado, este fato fez com que ele adentrasse no Cangaço e tornar-se um homem com desejo de vingança e busca pela honra de sua família. Antes de analisar as representações deste indivíduo é importante conhecer um breve histórico sobre o mesmo. Antonio Silvino foi o nome adotado por Manuel Batista de Moraes (-1875+1944), oriundo de uma família de bens e influente na região de Afogados da Ingazeira-PE. Ainda jovem, ingressou no Cangaço com o objetivo de vingar a morte de seu pai<sup>3</sup>, e acabou por fazer em sua vida ações que não eram aceitas pela ordem social vigente. Silvino assumiu em 1900 o comando do grupo que era liderado por Silvino Aires, após este ser preso. Em homenagem ao homem que ensinou as táticas e artimanhas de como ser cangaceiro, passou a usar este codinome. As descrições sobre o cangaceiro nos jornais foram intensas no tempo em que ele atuava nos sertões, que durou cerca de duas décadas, mas também no período de sua prisão em 28 de novembro de 1914, pelo tenente Theóphanes Ferraz Torres e conduzido à Casa de Detenção do Recife até sua saída no ano de 1937<sup>4</sup>.

Mediante essa breve biografia de Silvino percebemos que as representações da dominação masculina em torno da imagem deste cangaceiro são identificadas no cordel de Chagas Batista quando ele relata sobre o ingresso do cangaceiro no mundo do crime no Folheto *A Vida de Antonio Silvino (1904)*:

---

<sup>3</sup> Pedro Rufino Batista de Almeida, pai de Antonio Silvino, exercia funções policiais no sertão, fato que trouxe um inimigo visinho que protegia alguns criminosos da localidade de Afogados da Ingazeira: a família Ramos. No final do século XIX em uma feira livre, Batista foi assassinado por seus inimigos. Cf. em SOUTO MAIOR, 1969.

<sup>4</sup> A respeito da biografia de Antonio Silvino podem ser consultadas as obras na bibliografia final deste artigo.

*Eu nasci em Pajeú  
De Pernambuco no Estado  
Tinha doze annos de idade  
Quando meu pae amarrado  
Vi por uns seus inimigos  
E por elles escoltado*

*Convidei ao meu irmão  
E fui contra a escolta luctar  
A custa de muito sangue  
Cosegui a meu pae soltar  
De mim, por não ter idade  
Não puderam processar*

*Com quinze annos de idade  
Meus trabalhos começaram  
Sendo a causa de uns inimigos  
Que a meu pae assassinaram  
Prometti a Deus vingar-me  
Matando aos que o mataram*

*Aos que mataram meu pae  
Entrei em perseguição  
E nas luctas me acompanhavam  
Zeferino meu irmão  
De me fazer criminoso  
Creio que tive razão*

A razão com que Chagas representa o desejo de vingança de Antonio Silvino reflete a necessidade que se tinha nos sertões do lavar o sangue, honrar a família, muitos laços eram travados entre famílias e quando ocorriam a quebra desses acordos, era comum acontecerem crimes e improbidades que não eram devidamente julgadas pela justiça do Governo. É importante ressaltar que no sertão nordestino durante a primeira metade do século XX existia através da oralidade, o que muitos historiadores chamam de código de honra, era a forma como os sertanejos agiam por conta própria no combate as injustiças que sofriam, pois as leis estaduais e federais nem sempre atuavam nas cidades menos populosas (Cf. HOBBSAWM, 1975.). Assim, criou-se códigos de comportamento entre a população, que visava a proteção familiar, sendo a honra da família o objetivo a ser conservada. Essa honra incluía a virgindade das mulheres, nome da família não poderia ser vulgarizado ou ser motivo de escândalos, além de ser importante portar-se com símbolos de virilidade e poder, como armas, dinheiro, e cargos públicos ou como cabos eleitorais.

Essa mesma representação pode ser também identificada na poesia de Leandro Gomes de Barros, quando ao relatar no cordel, *Como Antonio Silvino fez o diabo chocar*, ele expõem a necessidade de preservação da honra do cangaceiro.

*Eu tive a vida tranqüila –  
Como qualquer inocente,  
Pegaram-no aperrear  
Tornei-me assim imprudente,  
O boi manso aperreado  
Arremete certamente.*

*Um cabra matou meu pai  
E ficou bem descansado,  
Disse a um irmão que eu tinha  
- Meu pai há de ser vingado,  
Inda o cabra lá no inferno  
Lá mesmo é esquartejado.*

*Meu irmão não foi comigo,  
Eu fui à povoação  
Matei esse dito cabra,  
Atirei-lhe num irmão,  
Dei em dois cunhados dele  
Botei-lhe a casa no chão.*

*Havia um parente dele  
Que era subdelegado  
Neste eu baixei o cacete  
Quase que o deixo alejado  
Meti o pau no pai dele  
Deixei-o no chão deitado.*

*Com quinze dias depois  
Fui à vila de Ingazeira,  
Matei o chefe político,  
Fiz se desmanchar a feira,  
Desta vez o promotor  
Saiu de lá na carreira.*

*Voltei, disse a meu irmão:  
Não fiz mais porque não pude,  
Para vingar a meu pai  
Só quero que Deus me ajude.  
O sangue que derramei  
Dava pra encher o açude.*

Além do desejo de vingança e da coragem presente nos versos, outro elemento forte é a valentia e o desafiar de autoridades, atitudes que deveriam estar presentes no homem que vivia na área sertaneja. Gomes de Barros ainda conclui sua estrofe com um dos grandes problemas que assolavam a região, as brigas constantes que ocorriam por causa de damas, do nome da família e da camaradagem.

Outra percepção que temos é a reprodução do discurso patriarcal difundido pela imprensa objetivava comprovar a fragilidade da mulher e a necessidade de sua defesa. As páginas dos cordéis também são repletas da idéia da mulher como sexo frágil, necessitadas de defesa masculina e criaturas sempre a serem perdoadas, honradas, preservadas o pudor e dispensadas da crueldade da morte.



*Confesso que sou homicida,  
Mas não sou deshonrador;  
De mulher casada e donzella,  
Nunca ofendi ao pudor,  
Até me glorio em ser  
Da honra um defensor.*

*De todos que me offedem,  
Eu pretendo me vingar  
Se perdoar a nenhum,  
A todos hei de matar,  
Por isto minha alma  
Não poderá se salvar!...*

*Só perdôo as mulheres,  
Porque estas são parte fraca;  
Mas meu perdão para os homens  
E' bala e ponta de faca!...  
Nas luctas sou como um lobo  
Quando a sua presa ataca!*

Silvino ainda é colocado como homem que apenas se relaciona com mulheres que não sejam comprometidas e que se arrepende de cometer crimes contra mulheres, no folheto *A história de Antonio Silvino (1907)*, o cordelista Chagas Batista nos dá um mostra de como Silvino se aproximava de mulheres e do seu arrependimento por ter matado uma mulher:

*Era o Major Santos Dias,  
Dono da uzina citada  
Que eu cerquei pra tomar  
A uma mulher casada  
Que estava do marido  
Alguns dias separada.*

*O major foi avisado  
E do terreiro correu...  
A mulher que fui buscar,  
No matto se escondeu;  
E uma moça que passava  
Foi baleada e morreu!*

*Inda hoje, quando relembro  
Esse trágico accidente,  
Tenho pena de mocinha  
Que pereceu innocente,  
Ferida por uma bala  
Que matou-a de repente.*

Os versos nos mostram na verdade a ação de um homem que iria tomar a mulher, pois esta já estava separada do marido, entretanto não podemos perder de vista que caso a mulher não tivesse fugido para o mato certamente iria manter algum tipo de relação com Antonio

Silvino. O que implica na predominância da dominação masculina na fala de Chagas Batista. A piedade sentida por Silvino ao balear uma mocinha que pereceu é reflexo da necessidade de cuidados que eram atribuídas as mulheres, mas jamais aos homens do sertão, pois estes eram tidos como corajosos e valentes e não mereciam piedade, mas lutas e mortes nas pelejas.

Em contraposição A visão de homem protetor das mulheres, Antonio Silvino na poesia de outro cordelista, José Costa Leite, é colocado como agressor de mulheres, mas isso porque a mulher neste cordel não é colocada como vítima, mas como uma valente e destemida que encara todos os problemas, inclusive lutas contra o cangaceiro Antonio Silvino no folheto *A luta de Antonio Silvino com Maria Jararaca*, temos a representação da mulher como cobra venenosa, como corajosa, que assemelha suas práticas sociais as do homem como: banditismo, desrespeitador, enxerido, violento e valente:

*- Sou cangaceira também  
Valentona e destemida  
E aqui é o meu pasto  
Aonde faço guarida  
Não temo nenhum sujeito  
É bom que ande direito  
Tenha cuidado na vida.*

*Silvino deu-lhe um bofete  
Que fez ela revirar  
E disse: - É você  
Quem deve me respeitar  
Você é besta, bandida  
Deixe de ser enxerida  
Se apronte para apanhar.*

*Meteu-lhe o pé na cara  
E disse assim: - Tire a forra  
Comigo você se lasca  
Se não quiser morrer, corra  
Sou igual a Lobisomem  
Nunca apanhei de um homem  
Quanto mais d'uma cachorra.*

*Maria se levantou  
Como cachorro doente  
Silvino deu-lhe um soco  
Que ainda quebrou-lhe um dente  
Ela caiu num instante  
Ele gritou: - Se levante  
Para apanhar novamente.*

*Maria disse: - Seu corno  
Você me paga é agora  
Deu um bofete em Silvino  
Que ele caiu lá fora  
Mas lhe deu um empurrão  
Que ela caiu no chão  
E rodou quase uma hora.*

*Enquanto ela rodava  
Ele ficou de espera  
Dizendo: - Bicha safada  
Você hoje destempera  
Só apanha porque quer  
Pois você não é mulher  
Você é a Besta-Fera.*

*- Nunca bati em mulher  
Mas aqui você entroncha  
Foi você quem procurou  
E vai ficar toda troncha  
Se você não se arreda  
É queda em cima de queda  
E roncha em cima de roncha.*

Ao analisar estes versos percebemos que no discurso do cordelista a mulher jamais poderia apresentar a imagem de valente e corajosa, mas sim de submissa ao homem, e não entregue ao banditismo e enxerimento. A justificativa dada para que a luta ocorresse está relacionada ao fato de apresentar Maria Jararaca uma imagem demoníaca (Besta-Fera), autorizando assim a prática da violência. A imagem de homem protetor ainda é colocada quando Silvino diz nunca ter batido em mulher, mas por Maria Jararaca estar tomando atitudes que deveriam ser de homens valentes como indisciplina e insubmissão, algo que os cangaceiro defende por ação correta e necessária para corrigir a postura da mulher.

A sátira e o tom jocoso para com a mulher ainda pode ser identificada nos versos de Costa Leite quando ele relembra a associação que é feita para o órgão sexual da mulher usando a expressão: “meteu-lhe a faca por baixo, sua faca furou onde já era furado”.

*Bateu com força na nuca  
Que ele foi ao chão  
Mas pegou na perna dela  
Com força e disposição  
Meteu-lhe a faca por baixo  
E naquela hora eu acho  
Que ela não achou bom, não.*

*Quando ele puxou a faca  
A negra saltou de lado  
O sangue correu e ela  
Soltou um berro danado  
Então Silvino notou  
Que sua faca furou  
Onde já era furado...*

*Mas Maria fez carreira  
Em ponto de assombração  
Dizendo: - Já vi que ele  
Não é de brincadeira, não  
Foi-se, nunca mais voltou  
E ali no chão, deixou  
O rifle a e a munição.*

O fim do cordel nos permite perceber a correção da mulher após a luta, mas acima de tudo, enfatiza a impossibilidade de a mulher estar atuando em brigas e mantendo ações que eram tomadas pelos homens, mostrando que a solução era de fuga e abandono dos instrumentos, rifle e munição, que deveriam estar sobre a posse de homens.

As pejejas são bastante presentes na literatura de cordel e refletem a masculinidade a partir do suportar das dores das brigas e a camaradagem que existia nos bandos de cangaceiros e na relação entre cangaceiros e coiteiros. Essas ações podem ser notadas no folheto de Chagas Batista, *A Vida de Antonio Silvino (1907)*:

*Alguns homens do governo,  
Me dispensam protecção,  
Porém sou mais protegido  
Por homens de opposição;  
Pode o governo matar me,  
Porem prender-me, isto não!...*

*Aos macacos do governo  
Eu não pretendo entregar-me,  
Fugirei sempre das tropas  
Porem, se alguma carcar-me,  
Luctarei como um possesso,  
Até a vida faltar-me.*

*Meu rifle não mente fogo,  
Nem meu punhal enverga,  
Dormindo ou embriagado,  
Inimigo não me enxerga  
Porque sou Antonio Silvino,  
Morre mas não se entrega.*

*Então se eu cahir ferido,  
Antes de alguém me prender  
Eu me suicidarei,  
Pois antes quero morrer,  
De que nas mãos da polícia  
Um só instante me ver.*

*Quero que o mundo diga  
Que eu me suicidei,  
Porque hão de dizer também  
Que como heroe, luctei  
E que, aos meus inimigos,  
Morri mas não me entreguei.*

A proteção recebida pelos coiteiros, ocorria em troca de segurança e de resolver desavenças que o protetores de cangaceiros tinham, ou para vingar roubos que os coronéis sofriam de criminosos. Antonio Silvino manteve vários protetores e suas relações eram louvadas por uns e odiadas por outros. Proteger, honrar coiteiros são constantes na ação dos cangaceiros. Mas não podemos perder de vista que essas relações estavam imbuídas de

interesses como dinheiro, proteção da polícia e alimentos, além da camaradagem e lealdade entre pares conforme fossem estabelecidos acordos.

Uma última representação que gostaríamos de analisar é a imagem física de Antonio Silvino como reflexo de um contexto global nordestino de como apresentavam-se os homens. No folheto *A História de Antonio Silvino (1907)* temos a seguinte caracterização de Silvino:

*A minha Physionomia  
Vou aos leitores pintar,  
Os signaes que tem meu corpo  
Um por um quero contar;  
Um esboço do meu retrato  
Vou com palavras traçar.*

*Tenho altura regular,  
A cor branca alaranjada,  
Os olhos agaleados,  
Fala tata e descançada,  
A testa pouco espaçosa  
E a cabeça arredondada.*

*Tenho o olhar muito ligeiro,  
O nariz bem afilado.  
Sombrancelhas arqueadas,  
Cabello preto e estirado,  
Bigode negro e comprido  
E o queixo arredondado.*

*Tenho os lábios vermelhos,  
Incompleta a dentadura,  
As orelhas pequeninas  
Possuo alguma gordura,  
Meu tronco é construído  
De rija musculatura.*

*Tenho braços e pernas fortes,  
Sou ligeiro como um gato;  
Possuo bom armamento,  
Vario sempre de fato;  
Para quem não me conhece  
Eis ahi o meu retrato.*

Homem branco, rosto bem aparentado (arredondado e nariz afilado), bigode, cabelos lisos, forte de musculatura rígida, atento e apresentável ao público. Essas imagens que identificamos no cordel nos remete ao modelo burguês de homem do começo do século XX, que preocupava-se como modo de se vestir e de se apresentar socialmente nos salões e cafés, eram os chamados almofadinhas e intelectuais de paletó e gravata. A figura presente no cordel também expõem pompa e desejo de respeito por se tratar de um homem que mesmo sendo perseguido pela justiça era um indivíduo público.

Estar bem vestido, armado e cercado por capangas era a postura apresentada por muitos coronéis e donos do poder, muitas vezes os cangaceiros questionaram o poder dos donos de terras, do Governo e das volantes, mas como forma de imposição de poder utilizavam os mesmos mecanismos para mostrar que também detinham o poder. A historiadora Ângela Grillo questiona se isso não seria uma teatralização, um travestir-se aos moldes dos poderosos, uma vez que para chegar a tal poder, precisavam estar portando os símbolos de riqueza e de reconhecimento social<sup>5</sup>, entre eles a boa aparência. Concordamos com esse questionamento e associamos essa postura como um reflexo do ideal moderno de masculinidade que se instaurou na sociedade nordestina.

Percebemos assim, que as representações de masculinidade que foram apresentadas pelo discurso da literatura destes cordelistas demonstram a reprodução da dominação masculina que pairou nos sertões nordestinos e que levou os poetas a assinalarem posturas que homens e mulheres deveriam tomar no cotidiano. Acrescentamos ainda que os símbolos culturais construídos reafirmaram o discurso patriarcalista, homogeneizante e modernizador do início do século XX, que determinava posturas de homens e mulheres na esfera social sertaneja.

## BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino**: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste 1920 – 1940) Maceió. Catavento. 2002.
- BARBOSA, Severino. **Antonio Silvino**: o rifle de ouro. vida, combates, prisão e morte o mais famoso cangaceiro do sertão. 2ª edição. Recife, Cia. Editora de Pernambuco 1979.
- BOURDIER, Pierre. **A dominação masculina**. 5ª edição. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 2007.
- BUTLER, Judith. **El gênero em disputa**: el feminismo y la submisión de la identidad. Barcelona. Paidós. 2007.
- CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra**: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas. SP. Editora UNICAMP. 2000.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa. Difel. 2002.
- DANTAS, Sérgio Augusto de Souza. **Antonio Silvino**: o cangaceiro, o homem, o mito. Natal. Cartograf. 2006.
- DAVIS, Natalie Zemon. **O Retorno de Martin Guerre**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1987.
- DAVIS, Natalie Zemon Davis. **Culturas do Povo**: Sociedade e Cultura no início da França Moderna. Tradução de Mariza Corrêa. S. Paulo: Paz e Terra, 1990.

---

<sup>5</sup> Cf. GRILLO, 2005

DEL Priori, Mary. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil colônia. Rio de Janeiro, José Olympio. Unb. 1993.

DIAS, Maria Odila Leite Silva. **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo Brasiliense. 1984. ; SCOTT, Joan. **Gênero: Uma categoria útil de análise histórica**. “Educação e realidade,, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. Porto Alegre. 1990.

ESTEVES, Martha de Abreu. **Mulheres perdidas**: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**: Gênese e lutas. 9ª Edição. Rio de Janeiro - RJ. Ed. Bertrand Brasil. 1991

GINZBURG, Carlo. **Os Andarilhos do Bem**: feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. São Paulo. Cia das Letras. 1988.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A Arte do Povo**: histórias na literatura de cordel (1900-1940). Tese de doutoramento em História. Niterói. UFF/ EHESS. 2005

HOBBSAWM, Eric J. **Bandidos**. Rio de Janeiro. Forense. 1975.

KINSEY, Alfred C. Kinsey; POMEROY, B. Wardell & MARTIN, Clyde E. **Sexual Behavior in the human male**. Ed. Indiana University p. 1948. disponível no site:

[http://books.google.com.br/books?id=pfMKrY3VvigC&dq=Sexual+Behavior+in+the+Human+Male&printsec=frontcover&source=bn&hl=pt-BR&ei=sSexSeSbA4-ctweTzJW8Bw&sa=X&oi=book\\_result&resnum=4&ct=result](http://books.google.com.br/books?id=pfMKrY3VvigC&dq=Sexual+Behavior+in+the+Human+Male&printsec=frontcover&source=bn&hl=pt-BR&ei=sSexSeSbA4-ctweTzJW8Bw&sa=X&oi=book_result&resnum=4&ct=result) Acesso em 03/02/2009

KINSEY, Alfred C. Kinsey; POMEROY, B. Wardell & MARTIN, Clyde E. GEBHARD, Paul H. **Sexual Behavior in the human female**. Ed. Indiana University p. 1953. disponível no site : <http://books.google.com.br/books?id=9GpBB61LV14C&printsec=frontcover&dq=Sexual+Behavior+in+the+Human+Male#PPR13,M1> Acesso em 03/02/2009

MATOS, Maria Izilda, Estudos de gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea. IN: **Cadernos Pagu**. VI-11, p. 67-75. 1998. COSTA, Suely Gomes. Gênero e História. IN: ABREU, Martha

MELLO, Frederico Pernambucano de. *Guerreiros do sol. O banditismo no Nordeste do Brasil*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2004.

SOIHET, Rachel (orgs.) **Ensino de História**: conceitos temáticos e metodologia. Rio de Janeiro. Casa da Palavras. 2003.

NAVARRO, Tânia Swain. A invenção do corpo feminino ou a hora e a vez do nomadismo identitário? In: **Textos de História**, Brasília, Ed. UNB. 2000.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero In: **Revista de estudos feministas**. v.08 nº02- p.09-41.CFCH / CCE – UFSC. 2000.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte. UFMG . IUPERJ. 2004.

PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História** - Operários, Mulheres, Prisioneiros. S.

Paulo: Paz e Terra, 1988.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890 - 1930. 3.ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

SCOTT, Joan. **Gênero: Uma categoria útil de análise histórica**. “Educação e realidade,, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. Porto Alegre. 1990

SOUTO MAIOR, Mario. **Antonio Silvino o capitão de trabuco**. Recife. Arquimedes edições. 1969.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, C. F. & VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

SOIHET, Rachel & PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das mulheres e das relações de gênero. In: **Revista brasileira de História**. São Paulo. Prol Ed. Gráfica. Vol-27. nº54. Jul-Dez. 2007. pp. 281-300.

SOIHET, Rachel & PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das mulheres e das relações de gênero. In: **Revista brasileira de História**. São Paulo. Prol Ed. Gráfica. Vol-27. nº54. Jul-Dez. 2007. pp. 281-300.

### **DOCUMENTOS:**

*Francisco das Chagas Batista:*

\*A vida de Antonio Silvino (1904)

\*A História de Antonio Silvino (1907)

*Leandro Gomes de Barros:*

\*Como Antonio Silvino fez o diabo chocar.

*José Costa Leite:*

\*A luta de Antonio Silvino com Maria Jararaca

[http://www.pt.wikipédia.org/wiki/alfred\\_kinsey](http://www.pt.wikipédia.org/wiki/alfred_kinsey). Acesso em 15/02/2009.